

# Economia solidária pode ser alternativa

Ao intervir num seminário internacional intitulado "Os desafios da economia solidária - Reflexão sobre as experiências portuguesas e brasileira", o docente da Faculdade de Economia de Coimbra Rui Namorado defendeu que deverá «polarizar todas as forças de resistência ao capitalismo», assumindo-se também como forma de modernização social.

«A economia solidária deverá ter os pés bem assentes no presente e a cabeça aberta ao futuro. Tem uma ambição alternativa, antecipando o pós-capitalismo», frisou.

Na sua perspectiva, trata-se de «um tipo de economia que se habituou a responder no futuro. Está radicada no concreto, mas não abdica da utopia».

Para Rui Namorado, a economia solidária «está apta a responder àqueles que a assumem apenas como utilidade imediata, e àqueles que a reconhecem como alternativa de mudança».

«É uma realidade existente, que não se esgota porque se projecta com ambição de mudança, alternativa», observou, acrescentando ser «preciso romper com a ilusão de que está isolada», porque as organizações que «fazem parte dessa galáxia» têm a possibilidade de «reivindicar políticas públicas mais adequadas».

O docente, coordenador do Centro de Estudos Cooperativos da Faculdade de Economia de Coimbra, salientou que a economia solidária deverá ser avaliada segundo critérios capazes de responder às suas especificidades, diferentes dos critérios capitalistas, e no sentido de valorizar o que produz e a coesão social que desenvolve.

Nessa ideia de utilidade social – acrescentou –, no processo de desenvolvimento local com a economia solidária as acções «ganham consistência e humanidade», assumindo-se «como resposta a depressões, mas também como impulso de renovação social».

Esse humanismo «não se compadece com a indiferença da protecção ambiental» e é «uma barreira ao instinto suicidário e predatório das sociedades capitalistas», explicou.

Para Rui Namorado, essa ideia actualmente muito corrente de educação ao longo da vida «só tem sentido se for

entrelaçada com certas vertentes da economia solidária», no âmbito de «uma nova cultura, de inovação social que seja verdadeiramente libertadora».

Poderá «polarizar todas as forças de resistência ao capitalismo, mas ser também uma forma de modernização da sociedade», observou, acrescentando que o problema do desemprego «só terá alguma viabilidade se houver uma redistribuição do emprego e da riqueza» ao longo da vida.

Na sua perspectiva, na economia solidária há uma «simbiose virtuosa entre o individual e o colectivo, o local e o universal, o concreto e o utópico, o imediato e o futuro».

## Crescente interesse dos meios académicos

O docente universitário brasileiro Luiz Inácio Gaiger, que abordou a realidade do seu país, frisou que a economia solidária contribui para 0,5 do PIB, embora não chegue a ocupar 0,5 por cento da população activa.

Referiu que no seu país existem já cerca de 22 mil empreendimentos, em perto de 50 por cento dos municípios, que criam 1 milhão de postos de trabalho, uma realidade que depois de um olhar de indiferença dos meios académicos vem a ser estudada com interesse crescente.

Jean-Louis Laville, investigador francês, na sua intervenção considerou «um contrassenso» considerar a economia solidária uma economia secundária. Na sua perspectiva «dá uma nova dimensão da democracia, que é a dimensão do espaço público – o espaço público popular, que prolonga a dinâmica democrática».

Pedro Hespanha, organizador do seminário, observou que a economia solidária «já entrou no discurso político, a torto e a direito», para mobilizar as comunidades excluídas a encontrarem soluções, o que pode comportar riscos de haver «uma degeneração do conceito».

O seminário internacional "Os desafios da economia solidária - Reflexão sobre as experiências portuguesas e brasileira", que ontem decorreu em Coimbra, integrou-se na evocação dos 30 anos do Centro de Estudos Sociais (CES) da Faculdade de Economia. ●